



## **ÉDIPO E A ESFINGE: NOTAS SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA E SEUS AVATARES**

Hermano de França Rodrigues; Rafael Venâncio

*Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com*

**Resumo:** A psicanálise permite-nos compreender nuances de uma constituição comum aos sujeitos: a sua passagem pelo Édipo e o que, desta passagem permanece e, em muitos aspectos, condicionam as escolhas objetais. Não propomos, aqui, do ponto vista interpretativo, ultrapassar os limites do que nos é exposto, pelo contrário, foi com base numa coleta bibliográfica, que buscamos as metáforas e metonímias que cercam os enigmas de nossa origem, algo que a psicanálise esclarece, enquanto ciência que estuda o inconsciente e suas vias de manifestações, ao nos conceder os subsídios necessários a nossa trajetória rumo à decifração da vida. Por isso, consideramos que esta pesquisa é um elemento importante para a área humanística, uma vez que nos possibilita entender o homem em vivência pública e privada, desprendendo-nos do senso comum e, ao mesmo tempo, desconstruindo antigos conceitos e visões de mundo, ajudando a ampliar a visão de mundo sobre como o indivíduo ingressa na cultura e, nela, funciona.

**Palavras-chave:** Édipo, Sexualidade, Feminilidade.

### **1. Introdução**

A fantasia da prostituição, ou, melhor dizendo, a de poder gozar de seu próprio corpo, bem como de outros – além de obter um significativo ganho –, sem que isso implique estar presa aos protocolos de um compromisso, é parte integrante da sexualidade da feminina. Na verdade, acreditamos que esse anseio recalca, através de sucessivas metafóricas e metonímias, o desejo de ter o pleno amor do pai, figura parental responsável por incutir na menina a cupidez de ser desejada, por meio do olhar que lança sobre a figura materna. Na falta disso, a futura mulher, provavelmente, busca esse olhar faltoso em outros homens, que pudessem assumir o lugar vazio que o pai primeiro deixou, por diversas razões que não cabe especular.

Nossa pesquisa é de ordem qualitativa de modo que valemo-nos de especialistas e doutores que nortearam esta averiguação teórica, dentre os quais, fundamentalmente, elenca-se: Sigmund Freud [1856- 1939], Jacques Lacan [1901- 1981], Melanie Klein [1882- 1960] e Françoise Dolto [1908- 1988]. Eles serão utilizados por acreditarmos haver uma conformidade em sua teoria, que ajuda a traçar os (des)caminhos do transcurso de sexuação da feminilidade, o que não seria possível, se nos servíssemos de outros, cujos trabalhos, talvez, não seriam capazes de ajudar a formular este percurso.

### **2. Resultados e discussões**

#### **2.1.1. O Complexo de Édipo na teoria freudiana**



Em psicanálise, o Édipo é o fundamento a partir do qual a sexualidade é constituída, esperando-se, de sua dissolução, os resultados que vão conferir ao ser humano a sua singularidade frente à escolha de seu objeto sexual.

Apesar de sua importância fundamental, o conceito do Complexo de Édipo não é uma das primeiras descobertas freudianas, pelo contrário, antes a antecedeu a teoria da sedução, na qual o pai da psicanálise buscava explicar os estados histéricos por meio de ações que os pais, supostamente, teriam praticado, provocando traumas em suas filhas que desencadearam nelas sintomas psicossomáticos. Mas, devido à recorrência de tamanhos relatos de suas pacientes, que afirmavam tal evento, Freud passou não só desconfiar da veracidade deles, como abandonou a teoria em definitivo, pois ao sustentá-la, certamente colocaria todos os pais no campo da perversão moral. Após constatar, no entanto, que as personagens que se presentificavam na narrativa das histéricas eram os pais, ainda que, de fato e factível, nada tivesse ocorrido, Freud percebe a existência de uma fantasia, de ordem sexual, relacionada aos progenitores, que o fazia supor que as pacientes, ao menos, *desejavam* que algo tivesse ocorrido. Nada de mais problemático ao se constatar isso ante uma sociedade regida por princípios vitorianos.

A partir de seu sonho, que corroborou com as premissas de fantasias interditas, o mestre vienense percebeu a predominância, em si mesmo, de sentimentos contraditórios e afetivos em relação a seus próprios pais: neste sonho o chefe da família é tido como um homem que pretende tomar-lhe a mãe, a quem ama. Sua própria autoanálise demonstrou-lhe que ele mesmo, na infância, havia desejado a figura parental materna e odiado o pai por, de certa forma, privá-lo de usufruir dos cuidados dessa mulher. Ao buscar uma relação possível, Freud evoca a tragédia e o mito de *Édipo Rei*, personagem trágico que havia assassinado o progenitor e desposado a esposa do mesmo, que mais tarde descobriu ser a sua mãe.

Conforme Moreira (2004), Freud faz menção, pela primeira vez, ao Édipo no Rascunho N, endereçado a Fliess, em 1897: nele, acredita estar se aproximando da descoberta acerca da origem da moralidade e relata um sonho em que identifica sentimentos extremamente carinhosos para com uma de suas filhas. O pai da psicanálise, de acordo com Laplanche e Pontalis (2000), reconhece a universalidade do conflito do personagem grego que, sem saber da verdade sobre sua própria origem, coabita com a mãe. Neste ponto, Freud considera que, nas correspondências sequenciais, é de suma importância que o homem venha a abdicar a sua liberdade sexual, renunciando ao incesto para o bem da civilização. As primeiras formulações acerca do complexo Édipo conferiram-lhe uma forma simples e



positiva<sup>1</sup>, mas logo Freud percebe que há uma recorrência predominante de eventos e casos mistos, ou seja,

[...] o menino não tem apenas uma atitude ambivalente e uma escolha objetal terna dirigida à mãe; ao mesmo tempo ele também se comporta como uma menina mostrando uma atitude feminina terna em relação ao pai e a atitude correspondente de hostilidade ciumenta em relação à mãe [...] (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p.77).

Freud denomina este fato de *complexo de Édipo invertido ou negativo*, de modo que o pai é visto como uma figura que não recebe tão somente a rivalidade da criança, mas, seguramente, é ambivalente nesse triângulo edípico, uma vez que também é amado. Neste pensamento, o complexo de Édipo é considerado em sua forma total, como duas faces de uma mesma moeda.

Freud, portanto, considera que, sendo ele constitutivo para o ser humano, a entrada no Édipo se daria a partir dos três anos de idade, momento no qual, a criança, é levada a compreender as interdições que a impedem de concretizar os desejos inerentes do Édipo, e esta interdição é, ao mesmo tempo, imposta e sentida pela introdução da figura parental paterna, cuja função implica estabelecer o corte na relação simbiótica da mãe e seu filho<sup>2</sup>. Neste sentido, as contribuições de Melanie Klein, figuram como imprescindíveis ao entendimento desse momento primevo da vida que antecede ao Édipo: ela, considerando a ambivalência inerente no que se refere ao primeiro objeto de desejo, afirma:

O primeiro objeto de amor e ódio do bebê – a mãe – é ao mesmo tempo desejado e odiado com toda a intensidade e força características dos anseios arcaicos da criança. Muito no início, esta ama a mãe no momento em que ela satisfaz suas necessidades de alimentação, aliviando seus sentimentos de fome e lhe oferecendo a prazer sensual que obtém quando sua boca é estimulada ao chupar o peito (KLEIN, 1991, p.347)<sup>3</sup>.

Devido a este fato, a mãe, evidentemente, é, de forma incontestável, o objeto, não só primeiro, mas fundamental na vida criança, porém, como bem frisamos acima, a falta da figura que estabeleça o corte necessário, configura este momento como pré-edípico,

<sup>1</sup> Ou seja, considerando que Édipo hostilizou o pai e amou a mãe, o complexo de Édipose definiu nos primeiros momentos em que o infante dirige a sua mãe sentimentos de amor e ao pai sentimentos de rivalidade pela disputa do amor desta mulher.

<sup>2</sup> Em outras palavras, a fase pré-edípica, em que a criança está ligada a mãe que cuida dela e atende as suas necessidades de preservação da vida.

<sup>3</sup> Observemos, no entanto, que Klein compreende que a disposição edípica e sexual se encontra no sujeito desde o momento em que ele entra em contato com as primeiras frustrações no que se refere a satisfação da sua necessidade, isto é, quando o sujeito é um bebê e entra em contato com a mãe, ou, em termos kleinianos, com o seu seio nutridor.



localizado no início da vida. É em *Totem e Tabu*, publicado em 1913, que Freud assinala o caráter antropológico e necessário da figura parental paterna numa narrativa em que o patriarca de uma aldeia, possuidor de todas as mulheres, autoritário e intransigente, é assassinado por seus filhos que, após sua morte, temem assumir o lugar de seu falecido pai, receando que o outro irmão o mate. Nestas circunstâncias, institui-se o Tabu que regerá a aldeia, na figura e por causa desse pai que, pela sua morte, eterniza-se. Neste sentido, Lacan (1995), em sua releitura de *Totem e Tabu*, afirma a necessidade de que este pai morresse para que pudesse se instaurar o Interdito:

*Totem e tabu* é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que o pai seja o pai morto. Mais, ainda: que seja o pai assassinado. [...] Para, afinal de contas, interditem a si mesmos o que se tratava de arrebatá-lo a ele. Não o mataram senão para mostrar que ele é incapaz de ser morto (LACAN, 1995, p.215).

De acordo com o pensamento lacaniano, a figura mítica deste pai é impensada, propriamente dito, de forma que se coloca como simbólico nas relações edípicas, instaurando a Lei que lhe é inerente, e estabelecendo o corte na relação deste que está se constituindo sujeito do *Outro*<sup>4</sup>, o pai real nada mais é do que o representante da Lei simbólica, cuja função é transmitir as regras civilizatórias que inibem a concretização do incesto. Somente assim, o Édipo existe, quando este terceiro é posto na cena, mas não basta que ele esteja lá, é preciso que tenha algo que faça com que este Outro abdique de sua posição fusional com o filho, algo que lhe confira o domínio sobre o ser mais poderoso. Lacan, portanto, outorga ao *falo*, e este simbólico, a capacidade de ser o objeto de desejo da mãe, algo que ela não tem, e pelo qual permite a entrada desse terceiro que o possui e que a criança passa a desejar também possuir, de forma que se identificará com este pai com sentimentos ambivalentes: odiando-o por ter a mãe e amando-o por ser suposto ter o falo. Na menina esta é a razão que constitui a sua entrada no complexo de Édipo, pois, ao confrontar-se com o fato de não possuir um falo real, que antes imaginava, renuncia-o, e, posteriormente, identifica-se com este pai, fantasiando dele ter filhos, tal qual a mãe. Nesta ideia,

Na medida em que a situação gira em torno da criança, a menina encontra, então, o pênis real ali onde ele está, mais além, naquele que pode lhe dar a criança [...] É na medida em que ela não o tem como pertence, é mesmo na medida em que renuncia a ele, claramente, nesse plano, que ela poderá tê-lo como dom do pai. Eis por que é

<sup>4</sup> Lacan qualifica este Outro como o ser capaz de suprir as necessidades nutritivas e pulsionais do sujeito e de conferir sentido a estas necessidades. Devido a este duplo papel, que, evidentemente, é da mãe, ela é tida, para esse lactente, como o Grande Outro, com o qual está fusionado.



pela relação ao falo que a menina, nos diz Freud, entra no Édipo [...] (LACAN, 1995, p.2007).<sup>5</sup>

Para Lacan, a criança, antes acreditava ser o falo da mãe, mas na medida em que sente as frustrações que ela o impõe com a sua ausência-presença (o que, por sua vez, é necessário que ela faça para que seja concebida como real), a criança nota que um outro, certamente detentor de um poder significativo, aprisiona a mãe e condiciona o tempo de sua permanência.

### 2.1.2. A inveja do pênis: complexo de castração

Esse outro, terceiro, é o responsável direto pelo corte de uma simbiótica relação da mãe-bebê e, deste ponto em diante, o complexo de Édipo, como concebido por Freud e Lacan, se configura. Mas, eis um detalhe importante, a entrada da menina no complexo edípico se dará, somente, a partir do momento em que, por meio da comprovação da diferença dos sexos, a menina percebe que foi castrada. Dolto explica que esta observação tende a ficar cada vez mais exercitada,

[...] sobretudo no que tange aos funcionamentos do seu corpo e do corpo dos outros, ela percebe a diferença da característica peniana vinculada, a seus olhos, em primeiro lugar à função urinária. [...] Essa descoberta traz à menina uma decepção narcísica incontestável, bem como o desejo de possuir um *pênis centrifugo* [...] (DOLTO, 1996, p.53, grifo do autor).

De modo que a inveja do pênis, termo freudiano<sup>6</sup>, é a base de sua fantasia de castração, e, neste ponto, há que se compreender que Lacan observa que a menina sente-se privada do falo que, devia estar lá ou estava e agora não está mais<sup>7</sup>. Quem, portanto, teria este falo perdido, ou melhor, castrado? O pai, não o simbólico, muito menos o real, mas aquele que foi imaginado pelo infante, que, conforme Lacan, está longe de ser compatível com a figura real: este pai imaginário é assustador, presente nas lembranças e fantasias dos sujeitos neuróticos. Este pai, devido a seu poder de cortar a relação com o Outro, é para a criança, possuidor deste falo simbólico, todavia, este falo pertence à mãe, de quem a menina passa a

<sup>5</sup> Conforme Roudinesco e Plon (1998) apontam, Lacan leva em conta a contribuição da escola kleiniana que indicam a inveja da menina em relação a mãe, e dos desejos fantasísticos no que se refere ao pai, ou seja, tomar o lugar da mãe e se tornar a mulher do pai, desejando que este lhes dê filhos.

<sup>6</sup> Freud afirma que, quando a menina percebe a diferença anatômica em relação aos meninos, ela “Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas conseqüências (sic).” (1905, p.29).

<sup>7</sup> Ou seja, o falo, entendido como real, não está lá, Lacan nos diz que, no que se refere ao real, nada é privado de nada, pois tudo existe, com exceção deste falo, que, como sabemos, jamais existirá, de modo que a sua simbolização se torna necessária para lidar com a sua falta.



desejar o lugar, “Identificando-se e projetando-se em sua mãe, a menina, em seus fantasmas, frequentemente verbalizados, tem a esperança de que um dia, talvez por erro, o pai se engane de mulher e a tome como tal, e eles se casem e tenham muitos filhos” (DOLTO, 1996, p.77).

Françoise Dolto explica que, com relação à inveja que a menina tem da mãe, nada mais é do que a cobiça da posição que esta goza, junto ao pai, e, em efeito dominó, perante o mundo<sup>8</sup>. Sendo assim, aquilo que determina a saída do menino no Édipo, é o que determina a entrada na menina no mesmo, a saber, a angústia da castração. O pai, visto como detentor do falo, portanto, do poder, determina a vida psíquica e prática da menina, já que,

Nesta segunda fase, a menina toma o pai como objeto amoroso, imaginando obter dele o pênis, antes recusado pela mãe. Como isto lhe é novamente negado, o desejo de ter um pênis passa a ser visto, de forma simbólica, como equivalente a ter bebês. A menina passa então a objetivar ter um filho com seu pai, desejo que será também frustrado, complicando a resolução do Complexo de Édipo na menina (RIBEIRO; GRANATO, 2015, s/p).

Neste sentido, Dolto coloca, a menina desenvolve, em lugar da angústia de uma eminente castração, a angústia da violação<sup>9</sup>, na qual, concebe o pai como um ser temível, capaz de causar-lhe dor e sofrimento, mas como o único que é capaz de lhe dar um lugar, um lugar de poder que acredita que a mãe esteja gozando.

### 2.1.3. O gozo em Freud e Lacan: uma busca fora da Lei

Gozo é o termo psicanalítico que “implica a idéia (sic) de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio” (Roudinesco; Plon, 1998, p.299), de maneira que é perceptível que há nele muito mais do campo subjetivo do que, simplesmente, o sexual. A busca do gozo, necessariamente, implica que o sujeito sai daquilo que, via de regra, é determinado pela cultura, ou seja, das ideias concebidas no que tange não só a sexualidade, mas a fatos e eventos que constituem-no, enquanto tal. É importante mencionar que o conceito de gozo foi formulado e desenvolvido por Lacan, em sua teoria do significante,

---

<sup>8</sup>O desejo precoce de ter os mesmos direitos e poder faz com que, na impossibilidade de realizá-los, a menina se volte para objetos que a ajudam a simular estar nesta posição e/ou simular parecer-se com a mãe, vestindo suas roupas e calçando os seus sapatos em uma tentativa de seduzir o pai e dele receber os filhos que deu a mãe.

<sup>9</sup>Ou seja, conforme atestação de Dolto, é o correlato do complexo de castração no menino, consiste em a menina reconhecer a desproporção do pênis do pai, em relação a sua pequena vagina, o que a angustia sobremaneira e a impede de alcançar seu intento edípico.



enquanto que Freud raramente o utilizava e, na eventualidade da utilização, ligou-o ao prazer da ordem sexual.<sup>10</sup>

Lacan, por sua vez, compreendeu que o gozo não se refere, tão somente, ao prazer, mas que, de modo geral, é compreendido no sentido empregado em *Além do princípio do prazer* (1920), de Freud. Na oportunidade, o pai da psicanálise tecia considerações acerca da tendência, comprovada, do ego em repetir, inconscientemente, e por meio de outros caminhos, eventos sentidos como desprazerosos, mas que, ainda assim, continuavam sendo (re)encenados pelo sujeito, havendo neste fato um prazer que não é sentido como prazer. Aparentemente isso poderia contrariar o princípio do prazer, ao qual Freud atribui o curso dos processos primários, isto é, o princípio do prazer busca evitar o desprazer, de modo que, em um primeiro momento, não concordaria em ser conivente com qualquer ação, ora sentida como desprazerosa, mas Freud percebe que a compulsão a repetição está a serviço do princípio do prazer, na medida em que, somente no campo inconsciente, aquilo que se repete é tido como prazeroso. Na verdade, a repetição é a forma encontrada pelo ego de evitar que o que está recalcado venha à tona, pois é este conteúdo inconsciente que está sendo repetido pelo sujeito, apesar dele não ter ciência disso:

O doente não pode lembrar-se de tudo o que nele está reprimido, talvez precisamente do essencial, não se convencendo da justeza da construção que lhe é informada. Ele é antes levado a repetir o reprimido como vivência atual, em vez de, como preferiria o médico, recordá-lo como parte do passado. Essa reprodução, que surge com uma fidelidade que não fora desejada, sempre tem por conteúdo algo da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e seus derivados, e invariavelmente se dá no âmbito da transferência, isto é, da relação com o médico (FREUD, 2010, p.131).

Dessa forma, a compulsão a repetição está intrinsecamente relacionada com algo que antecede, até mesmo, o princípio do prazer e o princípio de realidade, podendo se configurar como uma tendência pulsional de ordem primitiva. Em virtude dessa descoberta, Freud reformula sua teoria, acrescentando que junto pulsão de vida, está em completa simbiose e inseparavelmente, a pulsão de morte.

[Freud] vai mais longe e capta, no âmago do ser humano, um conflito de ordem interna, contraditório com o princípio do prazer e independente dele. Difícil de ser apreendido em estado puro, ele se manifesta pela dor e pela aliança que mantém com a vida através da transgressão, da hipocondria, da agressividade. Freud o denominou

<sup>10</sup> Na ocasião, Freud se referia aos invertidos (homossexuais) que por não serem atraídos sexualmente pelo sexo oposto, não poderiam extrair nenhum gozo da relação sexual com o objeto outro escolhido (ROUDINESCO; PLON, 1998).



princípio de morte e o localizou para além da oposição que coloca as pulsões sexuais em conflito com a realidade [...] (ESCOLÁSTICA, 1995, p.189).

Desta forma, a pulsão ou princípio de morte é da ordem do excesso, uma vez que, pela repetição, busca o (des)prazer vivido em um momento primevo da vida, mas que, naquele momento, não podia ser sentido como prazeroso, dado que, no início da vida, os processos primários, bem como a consciência, não estão aptos a cobrir de significação aquilo que é sentido. Observando o caráter constitucional da pulsão de morte, Lacan redefiniu-a “como sendo uma pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia significante inconsciente” (VALAS, 2001, p. 7), campo no qual veio a situar o gozo.

### 3. Conclusões

O gozo fálico é o que se origina da linguagem, submetido à lei e temor da castração, ele encontra-se, portanto, dentro de uma ordem simbólica, em referência e reverência direta ao pai primeiro da Horda Primitiva, mito formulado por Freud em *Totem e Tabu*. De acordo com o que expusemos, este pai primeiro tinha o direito de gozar de todas as mulheres e inibir, expulsar e proibir os filhos de fazerem o mesmo, pelo que era temido, até o dia em que os seus filhos o assassinaram pondo fim a sua tirania, mas, ficou o temor de que, se um dos irmãos viesse a assumir o lugar de líder da Horda, seria assassinado por um dos irmãos. Reunidos, os parricidas decidiram que este pai, morto, seria eternizado, representando a Lei que os proibia de tentar usurpar a sua posição.

Neste sentido, o gozo feminino é de uma ordem enigmática, porque escapa à lei da linguagem, ultrapassando o falo, se encontrando em um “mais-além” dele. Roudinesco e Plon (1998) atribuem isso ao fato de que, para as mulheres, não há um pai originário que escape a Lei da castração, como no caso dos homens, em que o pai primeiro era aquele que gozava de todas as mulheres e expulsava todos os filhos, razão pela qual foi assassinado, ascendeu a posição de pai simbólico e instituiu-se a linguagem, na forma da lei da castração, o que não implica dizer que a mulher não busque o gozo fálico. Na verdade, enquanto ao masculino é só outorgado um tipo de gozo, “Para uma mulher, o gozo é dual, por um lado fálico e por outro **louco e enigmático**, isto é, ‘não todo fálico’. Lacan o caracteriza como ‘mais-além do falo’, suplementar e não complementar ao gozo masculino” (Valas, 2001, p.82, grifo nosso). A mulher, no entanto, nada sabe acerca deste outro gozo, o qual, só pode sentir sem dele apreender o sentido. Nesta continuidade, Maria Escolástica (1995) propõe um termo pelo qual possa se unificar, de uma maneira coesa, o conceito de gozo feminino com as dominantes do



feminino, que é a feminidade<sup>11</sup>, este ligado a falta constitutiva do sujeito mulher: algo, que esteve consigo, não mais está, razão pela qual, a mulher se faz o falo do outro<sup>12</sup>: quando seduz, a mulher deseja ser amada e desejada, ainda que abdique, parcialmente, de sua posição feminina.

### Referências Bibliográficas

- DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina**. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ESCOLÁSTICA, Maria. **O gozo feminino**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: **Obras completas – Volume 14**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Um caso de histeria. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. **Vol. VIII**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- KLEIN, Melanie. Amor culpa e reparação. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Tradução: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Teresa B. Marcondes Goboy, Viviana S. S. Starzynski e Wellington Marcos de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-1957]**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOREIRA, J. O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. In: **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08>> Acesso em: 12.11.2015.
- RIBEIRO, L. J.; GRANATO, T.M.M. **Os caminhos do complexo de Édipo feminino: da proposta freudiana à psicanálise contemporânea**. São Paulo: PUC, 2015. Disponível em: <[www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/.../2015812\\_232355\\_435402558\\_reseu.pdf](http://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/.../2015812_232355_435402558_reseu.pdf)> Acesso em: 12.11.2016.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- VALAS, Patrick. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>11</sup> Escolástica explica a razão de se valer deste termo: ela deseja ultrapassar “a mera divisão dos sexos” e conclui que feminidade esclarece e sintetiza sua premissa: a mulher, enquanto ser receptivo, tem uma falta ou vazio, mesmo uma abertura, algo que lhe falta, mas que, em algum momento, esteve lá e não se encontra mais.

<sup>12</sup> A linguagem analítica pode parecer incompreensível, quando não esclarecida com a devida vênia: em termos simbólicos, afirmamos que a mulher não tem o falo, assim como o homem não pode tê-lo, o que não impede que este significado sem significante seja procurado. Neste sentido, o homem, sob a ameaça da castração, receia perdê-lo se vier a transgredir a Lei do Pai; a mulher, por sua vez, dado que já seja castrada, para seduzir o outro, assume uma conduta fálica a fim de atrair para si o olhar do outro.